

# Feministas, pacientes e analistas: as mulheres na origem da psicanálise

Flávia Ripoli Martins

**Flávia Ripoli Martins** é psicanalista. Psicóloga e mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Autora de *Histórias da margem: lésbicas, gays e os primeiros psicanalistas* (Blucher, 2024). Aluna do quarto ano do Curso de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

**Nota** Uma primeira versão deste artigo foi escrita como trabalho de Monografia do Seminário “Sexualidade infantil e o complexo de Édipo” ministrado em 2022 no Curso de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Agradeço a Mara Caffé e às colegas do Seminário pelas contribuições incorporadas na versão final do texto.

**Resumo** Este trabalho objetivou discutir os entrelaçamentos entre o movimento feminista sufragista, a epidemia de histeria e o surgimento das teorias psicanalíticas sobre a mulher e a feminilidade. Para tal, foram analisadas as discussões das Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena. Discutiui-se o atravessamento dos discursos patriarcais e das pautas feministas sobre as discussões dos primeiros psicanalistas e os efeitos da entrada das mulheres no círculo vienense do freudismo.

**Palavras-chave** história da psicanálise; feminismo; sexualidade feminina; histeria.

**DOI:** 10.70048/percurso.72.29-38

A psicanálise e a primeira onda do feminismo moderno surgiram em um período de profundas transformações sociais, políticas e no pensamento europeu, e seus debates são quase tão antigos quanto a criação da teoria freudiana. Não à toa, Freud menciona o movimento feminista em pontos críticos de sua obra. Na mesma frase em que anuncia que “a anatomia é destino”<sup>1</sup>, ele critica as exigências de igualdade das mulheres de sua época, indicando que suas reivindicações não foram escutadas a ponto de se traduzirem em teoria, mas não passaram ilesas por seus ouvidos. Em outro ponto da obra, ao essencializar as diferenças entre homens e mulheres, Freud<sup>2</sup> afirma que “Em tais juízos não nos deixaremos influenciar pela contestação dos partidários do feminismo que desejam nos impor uma total equiparação e equivalência dos sexos, mas admitiremos de bom grado que também a maioria dos homens fica muito atrás do ideal masculino”, reiterando que “a masculinidade e a feminilidade puras permanecem construções teóricas de conteúdo incerto”.

Percorrendo a literatura freudiana, encontramos mais adiante uma nota de rodapé indicando que, com a passagem do tempo, os debates entre psicanálise e feminismo se tornaram mais acirrados. Ao mencionar hipóteses naturalizadas sobre o ser social da mulher, Freud<sup>3</sup> pondera que “os analistas com opiniões feministas, assim como as mulheres analistas, não estarão de acordo com essas declarações” e sublinha a existência de uma oposição entre os que objetam “que tais teorias provêm do ‘complexo de masculinidade’ do homem e servem para justificar teoricamente sua inata propensão a rebaixar e oprimir a mulher” e aqueles que “acharão compreensível, por sua vez, que o sexo feminino não queira admitir o que parece contrariar a

1 S. Freud, *A dissolução do complexo de Édipo*, p. 211.

2 S. Freud, *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*, p. 1925.

3 S. Freud, *Sobre a sexualidade feminina*, p. 379.



*desde o seu surgimento,  
a psicanálise está diretamente implicada  
com a questão da opressão das  
mulheres*

tão ansiada igualdade com o homem”. Este trecho indica como, no início da década de 1930, o movimento feminista deixou de ser apenas algo que ecoava à distância nos ouvidos dos psicanalistas. Em uma época em que as mulheres europeias já haviam conquistado importantes direitos civis e políticos – ocupando também o lugar de analistas – os caminhos entre feminismo e psicanálise haviam definitivamente se interpelado.

Retroagindo no tempo, podemos afirmar que, desde o seu surgimento, a psicanálise está diretamente implicada com a questão da opressão das mulheres, pois “se o diagnóstico de histeria é a interpretação patologizante do sofrimento da mulher frente à opressão social em tempos de discurso patriarcal e, ao mesmo tempo, pedra fundamental do método psicanalítico, então, a relação entre psicanálise, mulher e feminismo se mostraria inextricável”<sup>4</sup>. A partir da hipótese de que há uma relação histórica entre esses três elementos, este trabalho tem como objetivo discutir os entrelaçamentos entre as questões das mulheres vienenses da virada do século XIX para o XX, o movimento feminista sufragista e o surgimento das teorias psicanalíticas sobre a mulher e a feminilidade. Para tal, realizaremos uma análise teórico-documental em três tempos, divididos de forma esquemática: o nascimento da psicanálise na Viena do *fin-de-siècle* como uma clínica da escuta, na qual as primeiras pacientes eram majoritariamente mulheres; as discussões em que as mulheres foram faladas, ocorridas na Sociedade Psicanalítica de Viena e selecionadas por debaterem manifestações de gênero consideradas subversivas para o início do século XX; e o deslocamento das mulheres para o lugar de sujeito

do discurso teórico da psicanálise, iniciado a partir da entrada das primeiras analistas no círculo vienense do freudismo.

Iniciaremos este percurso, discorrendo sobre as restrições impostas pelo poder patriarcal às mulheres burguesas<sup>5</sup> que viviam na Viena da modernidade onde a psicanálise foi inventada<sup>6</sup>. Privadas de direitos civis e políticos, submetidas à autoridade masculina e ao trabalho doméstico não remunerado, elas permaneciam às margens do mundo intelectual e profissional e eram desprovidas de autonomia e liberdade. Nessa época, a educação oferecida às mulheres não lhes permitia realizar uma formação superior, e reduzia-se às escolas concordatárias ou aos pensionatos religiosos, onde se priorizava o ensino de habilidades para cumprir o papel de esposas e mães. Não podiam votar e, entre 1867 e 1911, eram proibidas de formar ou integrar qualquer tipo de associação política.

Se, por um lado, na Viena freudiana as mulheres viviam em um contexto de submissão, isso não significa que todas elas aceitavam passivamente as condições às quais eram subjugadas. A partir da segunda metade do século XIX, algumas mulheres burguesas e de classe média começaram a se organizar politicamente e fundaram as primeiras associações feministas sufragistas do Império Austro-Húngaro. Tais coletivos seguiram as pautas da primeira onda do feminismo moderno e defendiam três demandas centrais: a reforma na educação, incluindo o acesso à Universidade e o aumento das possibilidades de trabalho remunerado; o direito universal ao voto e à participação política, considerados meios de implantar mudanças legais e institucionais; e uma reforma sexual com objetivo de erradicar o casamento por conveniência e modificar a dupla moral sexual<sup>7</sup>.

Contudo, faz-se necessário ressaltar que, na Europa da modernidade, os movimentos de emancipação feminina não se deram apenas do ponto de vista civil e político, mas também subjetivo. Muitas mulheres tinham notícias das possibilidades ofertadas pelo mundo “masculino” da



*Maria Rita Kehl compreende  
a epidemia de histeria entre as mulheres  
burguesas como resultado da falta de  
perspectivas sublimatórias  
ofertadas a elas*

política, dos estudos, das informações e da ciência, e não tardou para que a exclusão e a submissão perpetuadas pelo poder patriarcal também se traduzissem em uma revolta corporificada: a epidemia de histeria. Pensada em seu sentido sociopolítico, a sintomatologia histérica pode ser interpretada como uma forma de representar simbolicamente a revolta de muitas mulheres<sup>8</sup> contra a dupla moral e as imposições sexuais dirigidas a elas, levando-a a ser considerada por Emilce dio Bleichmar<sup>9</sup> como um “feminismo espontâneo”.

Ao analisar esse contexto, Maria Rita Kehl<sup>10</sup> compreende a epidemia de histeria entre as mulheres burguesas como resultado da falta de perspectivas sublimatórias ofertadas a elas, tomando-a como uma forma de salvação, “justamente porque é a expressão (possível) da experiência delas, em um período em que os ideais tradicionais de feminilidade [...] entraram em profundo desacordo com as aspirações de algumas dessas mulheres enquanto sujeitos”. Chegando primeiro às alas psiquiátricas dos hospitais, a partir de 1884 as mulheres da burguesia vienense que sofriam de histeria também foram acolhidas no sigilo do consultório de Freud.

Ao tratar suas pacientes com a técnica da hipnose, Freud pôde colher os princípios que

posteriormente se tornaram seu método de trabalho. Entre 1889 e 1890, ele atendeu Emmy von N. (Fanny Moser), paciente que se aborrecia com as frequentes interrupções do analista, lhe advertindo em uma sessão que ele “não devia perguntar sempre de onde vinha isso ou aquilo, mas sim deixá-la contar o que tinha a me dizer”<sup>11</sup>. Entre a possibilidade de formular um pedido e a disponibilidade de ouvi-lo, nascia a psicanálise, enquanto clínica da escuta baseada na associação livre e na atenção flutuante, da qual a histeria será a primeira “matriz clínica” e principal referência psicopatológica do modelo metapsicológico construído por Freud entre 1892 e 1905<sup>12</sup>.

Perguntando-se sobre a causa do sofrimento histérico, Freud<sup>13</sup> formulou a hipótese de que “a eclosão da histeria pode ser quase invariavelmente atribuída a um conflito psíquico que emerge quando uma representação incompatível detona uma defesa por parte do ego e solicita um recalçamento”. Ao elaborar as teorias do inconsciente e da sexualidade, de uma maneira cuja complexidade não será abordada neste artigo, Freud fez do conflito psíquico uma noção central no adocimento neurótico, reconhecendo – entre outros fatores – “a influência danosa da civilização [que] se reduz essencialmente à repressão nociva da vida sexual das populações (ou camadas) civilizadas, devido à moral sexual ‘cultural’ nelas vigente”<sup>14</sup>.

A partir dessas considerações, podemos afirmar que a psicanálise nascente reconhecia a relação entre o sofrimento histérico e as exigências culturais e morais impostas às mulheres e pôde oferecer para elas a possibilidade de falar sobre si de forma subjetivada em um espaço onde elas eram escutadas e as palavras tinham valor. Há um gesto inaugural

- 4 V. Iaconelli, “Mulher falada”, in C. Françaia; P. Porchat; P. Corsetto (orgs.). *Psicanálise e gênero: narrativas feministas e queer no Brasil e na Argentina*, p. 45.
- 5 Em 1895, cerca de oitenta e cinco por cento das mulheres vienenses eram operárias incorporadas pelo capitalismo como mão de obra mais barata e submissa do que os homens. No final do século XIX, suas demandas foram organizadas pelo feminismo socialista, que existiu paralelamente ao sufrágismo.
- 6 C. Bertin. *A mulher em Viena nos tempos de Freud*.
- 7 A. Schwartz, *Shifting voices: feminist thought and women’s writing in fin-de-siècle Austria and Hungary*.
- 8 É necessário salientar que a histeria não era uma condição exclusiva das mulheres, mas os casos de histeria masculina foram paulatinamente desaparecendo das produções teóricas de Freud, criando a falsa ideia de que essa seria uma doença essencialmente feminina. Ver: J. Mitchell, *Loucos e medusas*.
- 9 E. Dio Bleichmar, *El feminismo espontáneo de la histeria: estudio de trastornos narcisistas de la feminidad*.
- 10 M.R. Kehl, *Deslocamentos do feminino*, p. 152.
- 11 S. Freud; J. Breuer, *Estudos sobre a histeria*, p. 96.
- 12 R. Mezan, *O tronco e os ramos*, p. 102.
- 13 S. Freud, *A etiologia da histeria*, p. 206.
- 14 S. Freud, *A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno*, p. 366.



*há um gesto inaugural  
da psicanálise, no qual uma mulher  
pede para um homem parar  
de falar e ouvi-la*

da psicanálise, no qual uma mulher pede para um homem parar de falar e ouvi-la, invertendo as posições de saber e poder vigentes na época. Contudo, é necessário diferenciar o trabalho analítico das teorias psicanalíticas sobre a feminilidade que, como Karen Horney<sup>15</sup> foi uma das primeiras a atentar, nessa época ainda eram pensadas prioritariamente por homens, o que fazia com que essas teses muitas vezes fossem atravessadas pelo ponto de vista masculino sobre as mulheres e, segundo ela, se diferenciavam pouco das ideias típicas que os meninos têm sobre as meninas na infância.

Afinal, “é do lugar de pacientes que as mulheres começam falando e são os homens a escutá-las” e “a criar as teorias sobre o que escutam”<sup>16</sup>, de forma que, para continuar discutindo a posição historicamente ocupada pelas mulheres no início da psicanálise, faz-se necessário analisar os debates dos primeiros psicanalistas<sup>17</sup> sobre suas subjetividades. Para tal, exploraremos de forma não exaustiva algumas discussões sobre esse tema registradas nas *Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena* (1906-1918).

De partida, discorreremos sobre a reunião de 10 de abril de 1907 (*ata 19*), ocasião em que o psicanalista e médico Fritz Wittels apresentou um trabalho sobre as motivações psíquicas de Tatjana Leontiev, revolucionária russa que havia tentado assassinar um funcionário do alto escalão do governo czarista e matado um inocente por engano. Afirmando sentir uma “antipatia pessoal por Leontiev e por todas as histéricas”<sup>18</sup>, Wittels interpretou o revólver empunhado por ela como um símbolo fálico e considerou os argumentos utilizados para justificar a morte do inocente como paranoicos, enfatizando que “a sexualidade está presente em tudo que a mulher faz e sente”<sup>19</sup>.

Wilhelm Stekel, o primeiro a comentar a conferência, assinalou que “o conferencista projetou, com sua atitude, o desagradável conhecimento de sua própria e insignificante histeria em uma classe de pessoas totalmente inofensivas”<sup>20</sup>. Em consonância, Alfred Adler utilizou-se de sua familiaridade com os movimentos revolucionários de esquerda para questionar os excessos interpretativos de Wittels. Freud, por sua vez, considerou que o conferencista expôs de maneira correta a psicologia dos autores de atentado, postulando que “é o erotismo reprimido que põe a arma na mão dessas mulheres”<sup>21</sup>.

Nessa conferência, podemos observar como as opiniões particulares de alguns analistas sobre as mulheres por vezes se sobressaíam à fundamentação teórica do argumento exposto. Ao analisar alguns debates da Sociedade Psicanalítica de Viena, Martins e Moreira<sup>22</sup> ressaltam como “a reivindicação política das mulheres pode ser deslegitimada e desautorizada pelas explicações que tentam demonstrar a sexualidade como origem do conflito”. A esse respeito, cabe destacar que circulava entre os analistas vienenses a associação entre atos e reivindicações políticas feministas e o diagnóstico de histeria, que muitas vezes era empregado de maneira arbitrária e usado para deslegitimar atitudes e posicionamentos subversivos das mulheres da época.

Esta hipótese pode ser desdobrada a partir da análise da reunião de 15 de maio de 1907 (*ata 24*), quando foi discutido o artigo “As mulheres médicas”, publicado por Wittels no jornal vienense *Die Fackel*. Segundo o breve resumo do texto apresentado nas atas, o autor defendia que “o desejo feminino de estudar medicina e de lutar pela igualdade se funda na histeria”<sup>23</sup>. Diferenciando a profissão de professora – imposta às mulheres – e a de médica – escolhida voluntariamente e remetida por ele ao desejo –, Wittels afirma que a verdadeira vocação das mulheres é atrair os homens, argumentando que “quanto mais histérica for, tanto melhor será seu desempenho como estudante, pois a histérica é capaz de desviar sua pulsão do objeto sexual”<sup>24</sup>. Defendendo que as mulheres não deveriam poder se tornar médicas, o autor apresenta uma série de





argumentos psicologizantes que justificariam sua opinião, afirmando, por exemplo, que as mulheres jamais poderiam entender o psicológico masculino, examinar um homem sem despertar nele pensamentos de cunho sexual e ser confiáveis, pois abusariam de posições de poder.

Duas exceções devem ser destacadas nessa discussão. A primeira é a afirmação de Paul Federn, que ressaltou como “Wittels não abordou a verdadeira questão do estudo feminino”, sinalizando que “a questão do trabalho e da busca de satisfação na vida também merecem atenção quando analisamos o estudo realizado por mulheres”<sup>25</sup>. Contrapondo-se ao conferencista, Federn também sinalizou como muitos médicos comportavam-se com perversidade diante dos corpos femininos e considerou “inadmissível censurar justo as mulheres afirmando que, ao estudar medicina, dão livre curso a sua sexualidade”<sup>26</sup>.

A segunda exceção foi Eduard Hitschmann, que repreendeu o uso feito pelo conferencista do diagnóstico de histeria e afirmou que “quando as acusa de histeria, Wittels emprega esse conceito de modo injustificado e amplo”<sup>27</sup>. Freud, por sua

“quanto mais histérica for,  
tanto melhor será o desempenho  
da estudante, pois a histérica é capaz  
de desviar sua pulsão do objeto sexual”

[F. Wittels]

vez, teceu um comentário longo e contraditório, no qual criticou o desprezo de Wittels pelas mulheres, sinalizou a ausência de diferenciação na obra do autor entre sexualidade bruta e sublimada, e afirmou que “é correto que as mulheres não ganharão nada com os estudos e que seu destino também não mudará para melhor com ele. As mulheres também não se comparam ao homem no tocante à sublimação da sexualidade”<sup>28</sup>.

Em 11 de março de 1908 (*ata 44*), Wittels voltou a falar sobre a questão da feminilidade em uma conferência intitulada “A posição natural da mulher” e marcada por uma leitura naturalizada dos papéis de gênero, tal como esses se organizavam na modernidade. Demonstrando não compreender e menosprezar os direitos femininos, ele afirmou que as mulheres de sua época “lamentam não terem nascido homens e buscam tornar-se um (movimento feminista)”<sup>29</sup>, classificando as aspirações feministas como insensatas e absurdas. Na ocasião, Wittels entrou em conflito direto com Adler, que entre os vienenses era quem mais conferia atenção à dimensão sociopolítica das noções de masculinidade e feminilidade, dando relevância para o papel dos privilégios sociais na cultura. Concomitantemente questionando a posição das mulheres no patriarcado e defendendo as mudanças políticas pleiteadas pelo feminismo, Adler afirmou que:

Enquanto todos supõem que a repartição atual dos papéis dos homens e das mulheres é imutável, os socialistas propõem que o quadro da família já se encontra hoje abalado e se abalará cada vez mais. As mulheres não tolerarão que a maternidade as impeça de exercer uma profissão: ou ela constituirá um entrave para algumas, ou deixará de ser um peso.<sup>30</sup>

15 K. Horney. “The flight from womanhood”, in *Feminine Psychology*.

16 V. Iaconelli, *op. cit.*, p. 45.

17 Neste trabalho, os primeiros psicanalistas – ou psicanalistas da primeira geração – foram classificados de acordo com a proposta de R. Mezan, *op. cit.*, que os define como todos aqueles que chegaram à psicanálise até o final da primeira década do século XX, tinham contato pessoal e intenso com Freud e foram responsáveis pela primeira difusão da psicanálise. Em ordem de aparecimento no texto, eles e elas são: Fritz Wittels, Wilhelm Stekel, Alfred Adler, Paul Federn, Eduard Hitschmann, Margarete Hilferding, Isidor Sadger e Sabina Spielrein.

18 M.A. Checchia; R. Torres; W. Hoffman (orgs.), *Os primeiros psicanalistas: atas da Sociedade Psicanalítica de Viena*, v. 1., p. 256.

19 M.A. Checchia; R. Torres; W. Hoffman (orgs.), *op. cit.*, p. 260.

20 M.A. Checchia; R. Torres; W. Hoffman (orgs.), *op. cit.*, p. 256.

21 M.A. Checchia; R. Torres; W. Hoffman (orgs.), *op. cit.*, p. 258.

22 A.S. Martins; L.S. Moreira. “A origem do destino criado para as mulheres pela psicanálise: por uma leitura reparadora através das atas da Sociedade das Quartas-Feiras”, in A.M. Parente; L. Silveira (orgs.), *Freud e o patriarcado*, p. 93.

23 M.A. Checchia; R. Torres; W. Hoffman (orgs.), *op. cit.*, p. 299.

24 M.A. Checchia; R. Torres; W. Hoffman (orgs.), *op. cit.*, p. 299.

25 M.A. Checchia; R. Torres; W. Hoffman (orgs.), *op. cit.*, p. 300.

26 M.A. Checchia; R. Torres; W. Hoffman (orgs.), *op. cit.*, p. 300.

27 M.A. Checchia; R. Torres; W. Hoffman (orgs.), *op. cit.*, p. 302.

28 M.A. Checchia; R. Torres; W. Hoffman (orgs.), *op. cit.*, p. 304.

29 M.A. Checchia; R. Torres; W. Hoffman (orgs.), *op. cit.*, p. 503.

30 M.A. Checchia; R. Torres; W. Hoffman (orgs.), *op. cit.*, p. 506.



*analisando os exemplos  
acima, buscamos elencar as marcas  
do “ambiente discursivo patriarcal  
que rodeava os primórdios  
da psicanálise”*

Analisando os exemplos expostos, buscamos elencar as marcas do “ambiente discursivo patriarcal que rodeava os primórdios da psicanálise”<sup>31</sup> e destacamos como, em muitos momentos, as interpretações dos primeiros psicanalistas sobre as mulheres eram atravessadas pelo imaginário masculino sobre as aspirações e desejos femininos, levando as mulheres a ser *faladas* a partir de visões idealizadas e fantasiosas do que é a feminilidade. Contudo, é notável que os analistas vienenses não adotavam posições unívocas. Alguns deles questionavam afirmações misóginas e patologizantes e não se opunham às transformações sociais e políticas pautadas pelas mulheres do início do século. Esses analistas mais progressistas foram fundamentais para a mudança de posição das mulheres na psicanálise iniciada na década de 1910, quando elas começaram a ser aceitas nas instituições psicanalíticas e a se tornar analistas. A partir desse momento, elas puderam começar a *falar* sobre as mulheres também do ponto de vista teórico.

Historicamente, a entrada das mulheres no movimento psicanalítico teve relação com mudanças importantes em sua situação sociopolítica, resultantes das conquistas do sufrágio austríaco. Em 1886 foram abertos os primeiros cursos de educação secundária para mulheres, no ano de 1896 foi autorizado que as mulheres graduadas em medicina em outros países pudessem exercer a profissão na Áustria e, um ano mais tarde, pela primeira vez elas foram aceitas na Universidade, com a abertura dos cursos de humanidades. Em 1900, as mulheres austríacas passaram a ser aceitas nos cursos de medicina do país, dois anos mais tarde elas começaram a ser admitidas em concursos para professoras dos Liceus e ao longo

das décadas seguintes outros cursos começaram a aceitá-las. Politicamente, a situação das mulheres também se modificou nas primeiras décadas do século xx. No ano de 1911, a legislação que proibia as mulheres de criar associações políticas ou delas participar foi revogada; em novembro de 1918, as mulheres austríacas conquistaram o direito de se candidatar e votar nas eleições para as Assembleias Nacional e Provincial e, no ano seguinte, conseguiram participar das eleições para o Parlamento, conquistando o sufrágio universal em 1923, quando o direito ao voto foi concedido às prostitutas austríacas<sup>32</sup>.

O avanço das conquistas feministas e o advento da possibilidade de as mulheres burguesas trabalharem, terem independência e autonomia e se tornarem vozes nas discussões sobre a condição feminina geraram amplas reações por parte dos setores conservadores da sociedade austríaca. Na literatura, nas artes, na filosofia e na imprensa, passaram a circular representações misóginas que pregavam que as mulheres eram seres inferiores e irracionais, associavam a judeidade a uma essência feminina que geraria a decadência do patriarcado e espalhavam o temor de que caso as mulheres escapassem da lei civilizatória masculina, elas se tornariam criaturas selvagens de natureza sexual aflorada<sup>33</sup>. Fortalecendo o antifeminismo, esses discursos defendiam que as demandas por igualdade, educação e emprego só poderiam derivar de uma perversão da feminilidade, justificável a partir do diagnóstico médico-psiquiátrico de “lesbianismo”, na época considerado um estado patológico<sup>34</sup>, cuja função na psiquiatria aproximava-se do uso que parte dos primeiros psicanalistas faziam do diagnóstico de histeria.

E foi nesse contexto efervescente de transformações políticas e disputas discursivas que, em 1910, Margarete Hilferding se tornou a primeira mulher a ingressar na Sociedade Psicanalítica de Viena<sup>35</sup>. Graduada em pedagogia e medicina, respectivamente nos anos de 1898 e 1901, Hilferding era militante política do Partido Social-Democrata Austríaco (*Sozialdemokratische Partei Österreichs, SPÖ*), onde se aproximou de Adler e Federn.

Na reunião de 6 de abril de 1910 (*ata 102*), quando os analistas vienenses se encontraram pela primeira vez após o Congresso de Nuremberg e debatiam a fundação da Associação Internacional de Psicanálise<sup>36</sup> (*Internationale Psychoanalytische Vereinigung*, IPV), Federn propôs a candidatura de Hilferding, em um momento marcado por duas importantes mudanças na organização do grupo vienense: a primeira nas regras admissionais, definindo que uma nova candidatura deveria ser proposta por um membro ativo ou honorário, seria votada em segredo e aprovada caso obtivesse no mínimo três quartos dos votos; e a segunda no local das reuniões, transferidas da intimidade da casa de Freud para um ambiente mais formal, o Colégio de Médicos de Viena.

Contudo, a votação da candidatura de Hilferding era atípica não apenas pelo contexto institucional em que ocorreu. Até então, nenhuma mulher havia se candidatado a membro da Sociedade Psicanalítica de Viena, e o debate sobre o seu ingresso foi postergado por uma discussão geral sobre a admissão de mulheres. A primeira tentativa de consenso ocorreu em 13 de abril de 1910 (*ata 103*), ocasião que opôs Isidor Sadger e Wittels a Freud e Adler. Enquanto “Sadger se declarou contrário à admissão de mulheres por princípio”, Adler se posicionou “a favor da admissão das mulheres médicas, bem como de mulheres seriamente interessadas em colaborar” e Freud “considerou como uma inconsistência grave a decisão de excluir as mulheres por princípio”<sup>37</sup>. Em

é necessário ressaltar  
que a entrada das mulheres  
nas instituições de psicanálise  
foi um evento onde norma  
e subversão se interpelaram

uma primeira tentativa de votação, três dos onze presentes foram contrários à admissão de mulheres, o que levou o nome de Hilferding a ser reenviado para a pauta da reunião de 27 de abril de 1910 (*ata 105*), quando o debate foi retomado. Na ocasião, Sadger propôs a leitura de uma carta de Wittels que estava ausente, o que Adler não autorizou, permitindo somente que o voto registrado na correspondência fosse computado. Com 12 votos a favor, 2 contra e uma abstenção, a candidatura de Hilferding foi deferida.

A respeito desse episódio, é necessário ressaltar que a entrada das mulheres nas instituições de psicanálise foi um evento onde norma e subversão se interpelaram. Por um lado, ao poderem se tornar analistas, elas encontraram um espaço institucional que lhes possibilitava trabalhar, produzir saber, escrever sobre a feminilidade e votar de maneira igualitária aos homens, em uma época em que esse direito ainda não havia sido conquistado na Áustria. Por outro, é necessário reiterar que a entrada das mulheres na psicanálise ficou à revelia da autorização masculina, o que nos faz questionar se essa relação de poder se refletiu na receptividade às suas ideias. Como vimos até aqui, a Sociedade Psicanalítica de Viena era um ambiente discursivo marcado por ideais patriarcais, o que implica que as mulheres que nele ingressaram não estavam imunes à violência de gênero.

Para nos aprofundarmos nessa questão, analisaremos de forma não exaustiva três principais conferências proferidas por mulheres na Sociedade Psicanalítica de Viena. A primeira delas se intitula “Sobre as bases do amor materno” e foi ministrada por Hilferding em 11 de janeiro de 1911 (*ata 126*) perante uma plateia de vinte pessoas.

31 A.S. Martins; L.S. Moreira, *op. cit.*, p. 86.

32 C. Bertin, *op. cit.*; A. Schwartz, *op. cit.*

33 H. Decker, *Freud, Dora and Vienna 1900*; E. Roudinesco, *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*.

34 L. Faderman; B. Eriksson, *Lesbian-feminism in the turn-of-the-century Germany*.

35 Concordamos com Cromberg, segundo a qual a entrada no movimento psicanalítico “remete a reconhecimento e pertencimento institucional”. Por essa razão, embora Emma Eckstein (1865-1924) tenha sido extraoficialmente a primeira psicanalista, consideramos a admissão de Margarete Hilferding como o momento em que ocorreu a entrada das mulheres no círculo freudiano. R. Cromberg, *Primeiras psicanalistas*, p. 36.

36 Em 1936, a Associação Internacional de Psicanálise se tornou a IPA (*International Psychoanalytical Association*).

37 H. Nunberg; E. Federn, *Les premiers psychanalystes: minutes de la Société psychanalytique de Vienne*, v. 2, p. 466, tradução nossa.





*analisaremos de forma  
não exaustiva três principais  
conferências proferidas  
por mulheres na Sociedade  
Psicanalítica de Viena*

Iniciando sua fala com a constatação de que “É um fenômeno frequente que as mães, que muito ansiavam para o nascimento, sintam-se bastante desapontadas com a chegada da criança e não tenham nenhum sentimento real de amor materno”, Hilferding afirmou que esse fato se deve a questões psíquicas e avançou a hipótese de que “não há amor materno inato”<sup>38</sup>, apresentando uma série de manifestações da ausência do desenvolvimento desse sentimento após o nascimento, como por exemplo a negativa de cuidados ao bebê, a intenção de doá-lo ou mesmo a hostilidade com a criança.

Utilizando o arcabouço teórico da psicanálise da época, Hilferding explorou a erotização existente na relação mãe-bebê e o período em que a criança é tomada como objeto sexual materno, tentando construir uma metapsicologia da gravidez e do puerpério. Ao constatar que, ao menos no caso do primeiro filho, o amor da mãe pela criança seria um produto da internação com o bebê, Hilferding contestou a hipótese do instinto materno e questionou a ideia de que ser mulher é indissociável de ser ou se tornar mãe. Em outras palavras, sua apresentação colocou em questão concepções patriarcais reproduzidas pela teoria psicanalítica da época, que naturalizavam o trabalho de cuidado como função da mulher. Sua conferência provocou uma longa discussão na qual se destacaram diversas expressões de indignação, e ao final a autora afirmou que “em certo sentido, foi mal compreendida”<sup>39</sup>.

Hilferding teve uma participação breve no movimento psicanalítico, pois se retirou após a ruptura entre Freud e Adler, no mês de outubro de

1911. Enquanto ela esteve presente, a autora pôde começar a provocar fissuras em discursos que se pretendiam teóricos, mas eram excessivamente marcados pela misoginia e por ideais patriarcais da época<sup>40</sup>. Após a sua saída do círculo freudiano, Sabina Spielrein ocupou função semelhante e se tornou a “primeira mulher do movimento psicanalítico a seguir de fato uma carreira”<sup>41</sup>.

Nascida em 1885 em Rostov, na Rússia, e educada de forma tradicional, Spielrein foi internada no Hospital Burghölzli entre os anos de 1904 e 1905, após padecer de um quadro grave de adoecimento psíquico, precipitado pelo que pode ser interpretado como uma ausência de possibilidades sublimatórias, associada à negação da identificação materna – que remetia ao casamento e à maternidade – e à impossibilidade de continuar os estudos por sua condição de mulher e judia. Atendida por Jung e Bleuler, ela foi curada de seus sintomas e iniciou os estudos na Escola de Medicina de Zurique. Graduou-se em 1911 com uma tese em psicanálise e em 11 de outubro do mesmo ano (*ata 146*) foi aceita como membro da Sociedade Psicanalítica de Viena. Trabalhou ao longo de toda sua vida com a psicanálise, e coube a ela o pioneirismo de conquistar espaço na instituição, nas publicações e nos seminários psicanalíticos, colaborando inclusive com a implementação da psicanálise na União Soviética, entre os anos de 1923 e 1927<sup>42</sup>.

Sabina Spielrein foi também a “visionária introdutora do conceito de pulsão de morte em psicanálise”<sup>43</sup> enunciando-o no ensaio “A destruição como origem do devir”, publicado em 1912 e apresentado parcialmente na Sociedade Psicanalítica de Viena em 29 de novembro de 1911 (*ata 152*) com o título “Sobre a transformação”. Na ocasião, Spielrein discutiu a hipótese de que um componente destrutivo e mortífero estaria contido na pulsão sexual, fusão na qual estaria inclusa a possibilidade de transformação. Comparativamente com a apresentação de Hilferding previamente discutida, as ideias de Spielrein foram mais bem recebidas, embora provavelmente ofuscadas pelos conflitos políticos entre Freud e Jung, que tinha sido seu analista e com quem ela tinha uma



relação de proximidade. Em seu comentário final, a autora se desculpou pela omissão de um capítulo do ensaio do qual derivou sua apresentação, afirmando que por essa razão uma “confusão conceitual prejudicou a discussão”<sup>44</sup>. Seu pioneirismo na teorização da pulsão de morte não foi reconhecido até a década de 1980, desde quando sua autoria vem sendo paulatinamente recuperada.

Uma outra contribuição interessante de Spielrein como oradora ocorreu no dia 20 de março de 1912 (*ata 167*), durante o oitavo de uma série de doze debates sobre a masturbação. Na ocasião, a autora dedicou-se a discutir o tema da masturbação feminina, afirmando que “nas mulheres, a masturbação é em geral mais raramente observável, porque ela muitas vezes assume a forma de uma retenção dos desejos naturais, por meio dos quais a criança obtém prazer”<sup>45</sup>. Apresentando alguns breves exemplos clínicos, Spielrein discutiu a existência de uma analogia entre o medo de castração nos homens e a fantasia feminina de que os homens seriam castrados, divergindo de Freud, que criticou a equivalência do temor de castração entre ambos os gêneros, afirmando que as mulheres não precisariam desse tipo de fantasia pois já seriam castradas por princípio. Ao defender que a masturbação nas mulheres se deve à repressão, Spielrein divergiu de Freud em dois pontos fundamentais: primeiro, ao afirmar que o abandono da masturbação nas mulheres não é um processo inerente ao desenvolvimento da feminilidade; e segundo ao discordar

apresentando alguns breves  
exemplos clínicos, Spielrein discutiu a  
existência de uma analogia entre  
o medo de castração nos homens  
e a fantasia feminina de que  
os homens seriam castrados

da concepção freudiana sobre o medo de castração, se aproximando da hipótese de que a castração seria antes de tudo simbólica, enquanto Freud a interpretava em uma correlação direta ao corpo biológico.

Retomando a discussão deste trabalho, destacamos a importância de Margarete Hilferding e Sabina Spielrein, autoras pioneiras da primeira geração que abriram caminho para a entrada das mulheres na instituição e na produção de teoria psicanalítica. Em um momento histórico no qual as mulheres ainda conquistavam seus primeiros direitos civis e políticos, elas<sup>46</sup> encontraram na psicanálise um espaço clínico-institucional onde podiam falar e ser escutadas. Contudo, muito do que diziam as primeiras feministas, pacientes e analistas que cruzaram o caminho da psicanálise não pôde ser plenamente compreendido ou traduzido em teoria nas primeiras décadas do século xx, pois toda época possui os seus pontos de invisibilidade na produção de saber. Coube a elas começar a questionar os discursos patriarcais sobre a posição social da mulher e a inventar, com seus corpos e ideias, formas de pensar seus destinos para além da inibição sexual ou da neurose, do complexo de masculinidade ou da feminilidade “normal”, cujo caminho passaria pela heterossexualidade, a passividade, a maternidade e a sexualidade vaginal<sup>47</sup>.

Afinal, se esses foram os principais caminhos da feminilidade postulados por Freud, não podemos deixar de notar o quanto eles diferem dos caminhos de vida de muitas das mulheres que lhe cercavam. Margarete Hilferding e Sabina Spielrein encontraram na psicanálise uma forma de falar de si e de seu sofrimento, fazendo do

38 H. Nunberg; E. Federn, *Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society*, v. 3, p. 113-114, tradução nossa.

39 H. Nunberg; E. Federn, *Minutes... op. cit.*, p. 125, tradução nossa.

40 Ver intervenção de Hilferding na reunião de 8 de novembro de 1910 (*ata 118*).

41 E. Roudinesco, *op. cit.*, p. 174.

42 No Brasil, o trabalho de Sabina Spielrein está sendo pesquisado e publicado por Renata Cromberg. R. Cromberg, *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise*, 2v.

43 R. Cromberg, v. 1, p. 91.

44 H. Nunberg; E. Federn, 1974, p. 335, tradução nossa.

45 H. Nunberg; E. Federn. *Les premiers psychanalystes: minutes de la Société psychanalytique de Vienne*, v. 4, p. 102, tradução nossa.

46 Tatiana Rosenthal e Hermine Hug-Hellmuth também foram analisadas da primeira geração e se juntaram ao grupo vienense respectivamente em 1911 e 1913.

47 S. Freud, *Sobre... op. cit.*; S. Freud, *A feminilidade*.



casamento e da maternidade apenas uma parte de suas vidas. Lou Andreas-Salomé se tornou uma importante filósofa, que questionou imposições sociais, morais e institucionais. E Anna Freud se fez representante vienense da psicanálise e coparentou os filhos de Dorothy Burlingham, com quem teve uma história mais próxima dos modos de vida lésbicos, do que dos destinos da feminilidade postulados pelo texto freudiano.

### Referências bibliográficas

- Bertin C. (1990). *A mulher em Viena nos tempos de Freud*. Campinas: Papirus.
- Checchia M.A.; Torres R.; Hoffmann W. (orgs.). (2015). *Os primeiros psicanalistas: atas da Sociedade Psicanalítica de Viena*, v. 1: 1906-1908. São Paulo: Scriptorium.
- Cromberg R.U. (2010). Primeiras psicanalistas. *Percurso*, São Paulo, ano XXIII, n. 45, p. 35-46.
- \_\_\_\_\_. (2014). *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise*, Obras completas, v. 1. São Paulo: Livros da Matriz.
- \_\_\_\_\_. (2021). *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise*, Obras completas, v. 2. São Paulo: Blucher.
- Decker H. (1991). *Freud, Dora and Vienna 1900*. New York: The Free Press.
- Dio Bleichmar E. (1985). *El feminismo espontáneo de la histeria: estudio de trastornos narcisistas de la feminidad*. Madrid: Adotraf.
- Faderman L.; Eriksson B. (1980). *Lesbian-feminism in the turn-of-the-century Germany*. Kansas City: The Naiad Press.
- Freud S. (1896/1996). A etiologia da histeria. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*, v. 2, p. 187-218. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1908/2015). A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno. In *Obras completas*, v. 8, p. 359-389. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (1924/2011). A dissolução do complexo de Édipo. In *Obras completas*, v. 16, p. 203-213. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (1925/2011). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In *Obras completas*, v. 16, p. 283-299. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (1931/2010). Sobre a sexualidade feminina. In *Obras completas*, v. 18, p. 371-398. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (1933/2010). A feminilidade. In *Obras completas*, v. 18, p. 263-293. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud S.; Breuer J. (1893-1895/2016). Estudos sobre a histeria. In *Obras completas*, v. 2. São Paulo: Companhia das Letras.
- Horney K. (1926/1973). The flight from womanhood: The masculinity-complex in women as viewed by men and by women. In *Feminine Psychology*, p. 54-70. New York/London: W.W. Norton & Company.
- Iaconelli V. (2018). Mulher falada. In Françaia C.; Porchat P.; Corsetto P. (orgs.). *Psicanálise e gênero: narrativas feministas e queer no Brasil e na Argentina*, p. 45-49. Curitiba: Calligraphie.
- Mitchell J. (2006). *Loucos e medusas: o resgate da histeria e do efeito das relações entre irmãos sobre a condição humana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Já há muitas décadas, os debates entre psicanálise, feminismo e *teoria queer* demonstram a necessidade de a teoria psicanalítica criar ferramentas teórico-clínicas para pensar e escutar pessoas que já não vivem mais o sexo e o gênero dentro dos parâmetros teorizados por Freud. É necessário continuar inventando-as, indo além dos desmentidos da historiografia oficial e recuperando o pioneirismo das mulheres da origem da psicanálise.

- Kehl M.R. (2006). *Deslocamentos do feminino*. São Paulo: Boitempo.
- Martins A.S.; Moreira L.S. (2020). A origem do destino criado para as mulheres pela psicanálise: Por uma leitura reparadora através das atas da Sociedade das Quartas-Feiras. In Parente A.M.; Silveira L. (orgs.). *Freud e o patriarcado*, p. 85-114. São Paulo: Hedra.
- Mezan R. (2014). *O tronco e os ramos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Nunberg H.; Federn E. (1974). *Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society*, v. 3: 1910-1911. Nova York: International Universities Press.
- \_\_\_\_\_. (1978). *Les premiers psychanalystes: minutes de la Société psychanalytique de Vienne*, v. 2: 1908-1910. Paris: Gallimard.
- \_\_\_\_\_. (1983). *Les premiers psychanalystes: minutes de la Société psychanalytique de Vienne*, v. 4: 1912-1918. Paris: Gallimard.
- Roudinesco E. (2016). *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Schwartz A. (2008). *Shifting voices: Feminist thought and women's writing in fin-de-siècle Austria and Hungary*. Quebec: McGill-Queen's University Press.

### Feminists, patients and analysts: women at the origins of psychoanalysis

**Abstract** The present work aimed to discuss the relations between the suffragette movement, the epidemic of hysteria and the emergence of the psychoanalytic theories about women and femininity. To this end, we examined the Minutes of the Vienna Psychoanalysis Society. The article discussed the intersections of the patriarchal discourses and the feminist agendas in the discussions of the first psychoanalysts and the consequences of the entrance of women into Freud's Vienna Circle.

**Keywords** history of psychoanalysis; feminism; female sexuality; hysteria.

**Texto recebido:** 02/2024

**Aprovado:** 04/2024